

CONVERSA COM

FRANCISCO GREGÓRIO FILHO

por Lucas Buchile

Acreano, Francisco Gregório Filho faz da “palavra narrada” o seu elo com o mundo. Através dela desenvolveu um significativo trabalho de promoção da leitura e da oralidade.

Seja no rádio, no teatro, na contação de histórias ou em seus livros publicados, Francisco Gregório pensa a narrativa como uma oferta de espaço para o sujeito exercer a cidadania e suas relações afetivas.

Na década de 90 foi responsável por um importante movimento de criação de políticas públicas de leitura, e integrou a equipe de implantação do Proler, um dos maiores e mais importantes programas de incentivo à leitura do Brasil.

Na Biblioteca Nacional, dedicou 40 anos de intenso trabalho e dela recebeu a condecoração com Medalha da Ordem ao Mérito do Livro.

Em sua cidade natal, Rio Branco AC, atuou como gestor cultural em diversas instituições e criou a primeira rede de Casas de Leitura.

Já em Nova Friburgo RJ, implantou a primeira Secretaria Municipal de Promoção da Leitura no Brasil.

Sempre acreditou na biblioteca como um espaço de liberdade e de manutenção do senso de cidadania. Com o objetivo de promover e democratizar os acervos bibliográficos, dedicou sua vida à criação, à difusão e à promoção do livro.

Por tudo isso, recebeu o título de notório saber da PUC/RJ, tornou-se pesquisador da UNESCO PUC/RJ, membro da Academia Acreana de Letras e condecorado com a Ordem de Mérito Cultural Acreano.

Conheça um pouco mais sobre o mediador de leitura Francisco Gregório Filho

Entrevista concedida em 29 | 05 | 2020

Foto: Site do escritor





Sua trajetória profissional é marcada por atuações em diversas áreas e linguagens artísticas, como ator, diretor, contador de histórias e gestor de projetos culturais. Em que momento você se reconheceu como mediador de leitura? De que forma esse reconhecimento aconteceu?

Essa caminhada vem lá de Rio Branco AC, onde eu nasci.

Lá eu vivi até a adolescência. Na juventude minha família transferiu-se para o Rio de Janeiro.

Cheguei ao Rio carregando minhas experiências com exercícios de Leitura, com o palco e com o Teatro, realizados entre os meus companheiros da Casa dos Estudantes, no Acre.

Nós líamos. Para mim foi fundamental ler dramaturgia.

Fui ler as tragédias gregas. Me encantei com Sófocles, com Antígona. Gostei muito da Tradução do Millôr Fernandes.

Depois eu fui ler os renascentistas: Calderón de La Barca, Lope de Vega. Depois fui ler Shakespeare.

Fui para a dramaturgia de língua portuguesa. Foi um encantamento.

Eu era um estranho no meio do teatro, porque eu era um narrador. Minha experiência foi com o rádio, contar história em rádio, entrevistar os populares, constituir um repertório de poemas narrativos, crônicas, textos inspirados nos romances medievais, nos cordéis.

Então o rádio contribuiu muito para eu ter esse perfil, essa face de narrador.

Mas, ao final da década de 60 e início de 70, eu tive que entrar na tribo do teatro. E aqui no Rio de Janeiro o Museu de Arte Moderna era um espaço muito vivo de oficinas e de convívio com as artes e com as linguagens artísticas.

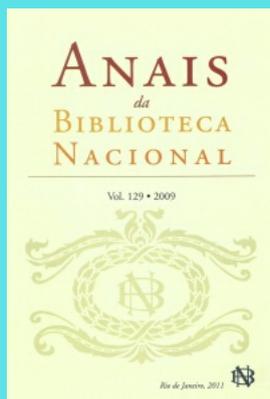
Ali, eu tive contato com as pessoas e fui me envolver com o Teatro, mas era estranho, porque o meu perfil de ator era o de narrador.

Eu contava histórias nos grupos, no palco, nas arenas.

Esse perfil não era aquele do ator no palco dialogando com outros personagens.

Eu narrava. Voltei à Rio branco e fiquei de 1976 a 1979.

indicação do Gregório:



Dois estudos sobre o período em que a Fundação Biblioteca Nacional assumiu o papel, antes exercido pelo antigo Instituto Nacional do Livro, de cabeça do Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas e também criou o Programa Nacional de Incentivo à Leitura (Proler) abrem este volume: “As políticas para a biblioteca, o livro e a leitura nos governos Fernando Henrique Cardoso e Luiz Inácio da Silva: breve estudo comparativo”, por Carla Rossana Chianello Ramos, e “Proler: um estudo para sua implantação”, por João Batista Coelho (bolsista do Programa de Apoio à Pesquisa da Biblioteca Nacional).

O volume contém ainda o artigo “O Livro de horas dito de d. Fernando – maravilha para ver e rezar”, da medievalista Vânia Leite Fróes (bolsista do Programa de Apoio à Pesquisa); “O livro no Ocidente Medieval” e “A história da escrita: uma introdução”, ambos de Ana Lúcia Merege;

“O surgimento da encadernação e da douração” (os três últimos apresentados na jornada “O livro: uma trajetória”, promovida pela Biblioteca Nacional em 2009), além da nota “Hortus Nitidissimis”, na seção Preciosidades do Acervo, por Mônica Carneiro e Luciana Muniz, sobre uma das mais belas obras de botânica do século XVIII, que pertence ao acervo da Divisão de Iconografia.

A **Eliana Yunes** foi até lá com o projeto da Funarte de Artes nas Universidades. Foi aí que conheci a Eliana e suas questões com a leitura. No final de 1979, voltei a morar no Rio de Janeiro. Aí aconteceu o que você pergunta.

Conheci o Carlos Drummond de Andrade. Eu caí na besteira de dizer para ele que eu era Contador de Histórias. Ele, então, perguntou se eu tinha lido “O Narrador”, do Walter Benjamin.

Eu disse a ele que não. Ele recomendou que eu lesse.

Como ele ia uma vez por semana no Palácio Capanema, onde era o Ministério da Educação e Cultura, eu o encontrava uma tarde por semana para conversar.

Então o Drummond esclareceu para mim esse perfil do narrador, do Contador de Histórias.

Eu tive acesso também ao Paul Zumthor, que estudava a oralidade.

Então, Eliana Yunes e Carlos Drummond de Andrade foram os personagens que me fizeram entender esse meu papel, essa minha função social de Contador de Histórias.

O movimento Teatral também me estranhava.

Agora, de uns trinta anos para cá, não.

Mas antes, narrador era um pouco estranho no meio teatral.

Eu tinha, na década de 70, a convivência com Arte Educação. Nesse período, conheci o Bartolomeu Campos de Queirós e a Fanny Abramovich. Eles me esclareceram a importância do Contador de Histórias para o movimento de incentivo à leitura e à oralidade na Educação.

O **Affonso Romano de Sant’anna** foi outra pessoa que me ajudou a esclarecer e a compreender a importância desse papel de mediador.

Com ele e a Eliana Yunes começamos a instituir o Proler.

Eliana Yunes formou-se em Filosofia e Letras. É mestre em Letras, doutora em Linguística e em Literatura, e fez pós-doutorado em Leitura. É coordenadora adjunta da Cátedra Unesco de Leitura, na PUC-Rio, onde leciona. É professora visitante em diversas universidades no Brasil e no exterior. Co-fundadora do Proler.

Affonso Romano de Sant’anna é escritor e poeta brasileiro. que na época era presidente da Biblioteca Nacional. Responsável pela criação do Proler

Vocês pensaram a criação do Proler nesse período que foi um 'divisor de águas' para as políticas públicas de leitura no Brasil. Como foi pensar o Proler? O que ele significou? Houve alguma resistência política nesse período de implantação?

Nós começamos promovendo diferentes práticas de leitura. O Affonso dava o apoio, a Eliana pensava mais teoricamente e eu agia na prática.

Eu convidava os amigos para fazerem rodas de leitura e seções de contação de histórias. Foi aí que eu conheci o **Fernando Lebeis**, ele contribuiu muito para o Proler.

Na primeira roda de leitura que eu fiz pelo Proler eu convidei o Grande Otelo, o ator. Ele foi ler os poemas que ele escrevia. Nós realizávamos esses encontros nos corredores da Biblioteca Nacional. Esse primeiro encontro com o Grande Otelo foi um sucesso.

Depois disso participaram outros escritores, narradores e o Grupo Morandubetá com o Celso Sisto, Benita Prieto, Lúcia Fidalgo, Eliana Yunes.

Eu fui o primeiro diretor do grupo, a convite deles. Nós ensaiávamos as histórias e fazíamos grandes circuitos no Centro Cultural Banco do Brasil para divulgar o papel do Contador de História contemporâneo e urbano, que trazia todo o repertório dos contos populares, dos clássicos e dos autores contemporâneos.

Foi um período muito importante para a fundação do Proler. Foi aí que eu comecei a usar a palavra 'contação de história'. É o narrador contando uma história que tem uma ação dentro dela. É uma narrativa que tem começo, meio e fim, e que tem 'um pé' no dramático. Pode ser um romance, uma xácara, um conto, um mito. Trabalhamos muito com os mitos indígenas brasileiros e com os mitos dos povos quilombolas.

Fernando Lebeis

"Grande contador de história, falecido em 2003, mas, foi um grande mestre para os Contadores de Histórias no Brasil. Era paulista, mas morava no Rio. Também fez teatro. Era um cantor, um menestrel. Tocava, cantava, pesquisava. Era folclorista. Muito inspirado no Mário de Andrade. Foi importante para toda uma geração de Contadores de Histórias no Brasil."

Francisco Gregório Filho

Grande Otelo

Grande artista de cassinos cariocas e do chamado teatro de revista, participou de diversos filmes brasileiros de sucesso, entre os quais as famosas comédias nas décadas de 1940 e 1950, que estreou em parceria com o comediante Oscarito, e a versão cinematográfica de Macunaíma, realizada em 1969.

A equipe que nós convidamos para o Proler incluiu Bartolomeu Campo de Queirós, Joel Rufino, Marina Colasanti e tantos outros autores e mediadores de leitura.

Nós tínhamos também uma professora que contribuiu muito, a Francisca Nóbrega, da Universidade Federal Fluminense. Essa equipe ajudou a formatar o miolo prático do Proler. Nós começamos. A Eliana formulou as etapas, os módulos e nós viajamos pelo Brasil em formato de caravana para despertar nas cidades, nos estados, nas instituições e nas universidades a formatação desse programa de incentivo à leitura, que era um programa de inclusão de todos os segmentos.

A leitura reunia instituições como o Ministério do Trabalho, do Meio Ambiente, do Turismo, da Educação, da Cultura e da Saúde. Muitos psicanalistas se envolveram e nos procuraram, entendendo que a leitura tinha relação com a saúde física e mental.

O Affonso nos colocou em contato com o Ministério das Forças Armadas (Exército, Marinha e Aeronáutica) para a instalação de programas de leitura nos quartéis. Também com o Ministério dos Transportes que nos ajudou com navios, trens e barcos de leitura que puderam levar os livros e a leitura para diversas regiões como, por exemplo, a Amazônia.

Nós, então, entendemos que não bastava o livro. Não bastava a biblioteca com aquele acervo se ele não era aberto, não era manuseado, lido, discutido e conversado.

Do meu ponto de vista, e aí já é uma leitura pessoal, não precisávamos repetir o que as universidades faziam.

Porque o que as universidades ainda fazem é aquele estudo acadêmico, mas nessa vertente com os populares nós não necessitávamos repetir o roteiro. Tínhamos que inaugurar um roteiro de mediação mais solto, mais próximo do cotidiano desses segmentos populares, para que essas pessoas percebessem a importância da leitura, do livro e, especialmente, da literatura no seu cotidiano. Deveria ser um roteiro mais flexível, que nos auxiliasse a dialogar com vozes mais plurais, diversas. Eu leio e ouço o que você lê, da maneira que você lê.





Nesse contexto, parece existir um fator fundamental em tudo o que vocês implantaram, que diz respeito à vontade política. Existia um cenário político favorável ao programa?

Existiam as correntes contrárias. Era o Affonso que peitava à frente da Biblioteca Nacional. Mas existia também resistência mesmo dentro da Biblioteca. Os bibliotecários diziam: “Como assim fazer leitura?”

Então, o Affonso criou o Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas, criou a Diretoria do Livro, para a difusão do livro e criou a face da leitura. Tínhamos o livro, o acervo e a leitura.

A palavra Leitura era nova, porque nós falávamos leitura no Brasil e o entendimento é de que tratávamos de alfabetização.

O Affonso escreve sobre isso no livro “Ler o mundo” e no “Quase Diário”. Ele fala sobre esse enfrentamento com as autoridades de outras instituições. Esclarecia, através de bases teóricas que sustentavam seus argumentos, que a leitura não se tratava de alfabetização.

Você participou da implantação da primeira Secretaria Municipal de Promoção da Leitura no Brasil, em Nova Friburgo RJ. Houve resistência política? Quais foram as diretrizes e ações realizadas pela Secretaria?

Hoje eu estou aposentado, mas eu fui funcionário da Biblioteca Nacional e frequentei muito Nova Friburgo. Lá a Eliana tem uma casa, Affonso e Marina Colasanti também. Eles conviveram com a sociedade e ajudaram a pensar essa Secretaria Municipal.

O prefeito da época, que era um engenheiro, um arquiteto, comprou a ideia.

Eu assumi a secretaria para organizar e formatar uma estrutura. Dialoguei com a Câmara Municipal para a aprovação de um fundo, um orçamento destinado à aplicação da ideia da leitura transversal: Leitura com os servidores públicos, com o turismo, com a saúde.

Lá em Nova Friburgo o grupo da saúde foi muito importante. As maternidades, as clínicas, os terapeutas e os psicanalistas gostavam das histórias, das narrativas e dos mitos como processo de cura.

Fazíamos muita ação com as comunidades que viviam em distritos rurais.



Indicação de Leitura:
Título: Ler o Mundo
Autor: Affonso Romano de Sant'anna
Editora: Global



Indicação de Leitura:
Título: Quase Diário
Autor: Affonso Romano de Sant'anna
Editora: L&PM

Lá também houve outro estranhamento: “Como assim? Ao lado da Secretaria da Fazenda, de Infraestrutura, de Saúde, de educação tem uma Secretaria de Leitura, exclusiva?”

Era um embate, um processo de convencimento. Mas era um convencimento não só no discurso, mas também na prática.

Nós tivemos a sorte de encontrar uma pequena biblioteca e ali começamos as práticas de mediação, de contação de histórias e de oficinas. O povo foi vendo, foi sabendo. A população de diversos segmentos tinha notícias do que estava acontecendo na biblioteca através dos jornais, do rádio, da televisão. Era novo.

Isso foi durante um ano só. O prefeito sofreu um acidente na Suíça. Ele estava num trem. O governo Suíço ia colaborar com a implantação de um trem em Nova Friburgo. O prefeito foi visitar a Suíça, caiu do trem e bateu a cabeça.

Então, o vice-prefeito assumiu.

Ele era de uma outra corrente e o primeiro ato dele foi extinguir a Secretaria da Leitura e, claro, toda a equipe.

Mas, também por ciúme. Como a leitura estava chamando muito a atenção, ocupando os espaços nos jornais, na mídia, envolvendo os diferentes, os diversos segmentos, havia um ciúme.

E assim foi minha experiência, por um ano, em uma secretaria exclusiva para promover e incentivar a leitura.

Você, que andou pelo o Brasil inteiro como mediador de leitura, prosador e escritor, é capaz de reconhecer a existência de práticas de leitura muito contrastantes entre si ou no geral o Brasil tem uma certa unidade nos modos de mediar leitura?

Tem tudo isso. Tem as práticas acadêmicas, e aí muitos professores são importantes. Professores da área da literatura, da pedagogia, da história são importantes e têm um perfil bem parecido, mas, encontramos também práticas populares diversas. Vocês do Paraná tem uma riqueza de práticas de difusão e de promoção da leitura, a exemplo da Prefeitura de Curitiba (Programa Curitiba Lê), dos projetos estaduais (Agentes de Leitura do Paraná e Cotidiano Leitor), do Instituto Dom Miguel e outros projetos. Você também tem experiência de roda de leitura com a dramaturgia, com textos teatrais. Os jovens gostam muito.

Também encontramos experiências em mercados públicos, em feiras, em associações, centros comunitários, igrejas, enfim, onde você imaginar. As práticas de leitura são também muito intuitivas, mas com uma diferença, sem o discurso doutrinário e sem o discurso da escola. Por isso que surgiu o termo “desescolarização da leitura”, ou seja, as práticas de difusão da leitura e de contato com o texto narrativo para além da escola, para outros espaços: na família, no trabalho e nos espaços comunitários.

Programa Curitiba Lê

Criado em 2010 pela Fundação Cultural de Curitiba (FCC), o programa Curitiba Lê é composto por um conjunto de ações de fomento, difusão e formação que visam aumentar quantitativa e qualitativamente os índices de leitura entre crianças, jovens e adultos.

Além dos espaços físicos, o programa também promove ações diretas junto à comunidade.

Agentes de Leitura e Cotidiano Leitor

Programas de leitura que visam impulsionar o Livro, a Leitura e a Literatura na rotina das cidades. Juntos atingiram mais de 110 mil pessoas de diversas faixas etárias. Os programas foram realizados pelo Governo do Estado do Paraná, através do reinvestimento da Audi do Brasil e produção executiva do Instituto Dom Miguel.

Instituto Dom Miguel

Criado em 2018, o Instituto promove ações de incentivo à leitura através da democratização do acesso ao livro, propiciando encontros com diversas culturas, manifestações artísticas e educacionais.

Suas ações são pautadas na valorização institucional da leitura e incremento de seu valor simbólico.

Você ajudou a criar a rede de Casas da Leitura em Rio Branco/AC. Muita gente não entende a diferença de conceito entre ‘Biblioteca Pública’ e ‘Casa de Leitura’. Existe, de fato, uma diferença conceitual? Se existe, qual seria?

A Biblioteca Pública tem organograma, tem suas diversas funções: Guarda, preservação, conservação e restauro de acervo. Além da função de receber os leitores.

A Casa da Leitura é mais livre, ela inaugura práticas de conversa, de acolhimento, onde o protagonista é o leitor.

Nós falávamos que na biblioteca o protagonista era o livro, era o documento. Na Casa de Leitura o protagonista é o leitor.

É uma linha muito tênue de diferença.

Imagem: Casa da Leitura Chico Mendes - Rio Branco AC - Foto ACTV



Imagem: Casa da Leitura Chico Mendes - Rio Branco AC

Através do meu trabalho visito muitas bibliotecas públicas do Brasil. Tenho a impressão de que, nos últimos anos, o conceito de Casa de Leitura acabou influenciando as práticas das bibliotecas públicas, justamente pelo reconhecimento da importância do protagonismo sobre o sujeito que lê. Existe de fato essa influência?

Nós iniciamos o Proler já com a ideia das Casas de Leitura, tanto que criamos a Casa da Leitura no Rio de Janeiro, que era a sede do Proler.

Foi inaugurada em 1993 e lá nós desenvolvíamos rodas de leitura, contação de histórias, conversa com o autor, conversa com o leitor. Era um movimento dinâmico das pessoas interessadas na leitura. Então, a ideia de que a leitura não era somente alfabetização ganhou força. Fazíamos leitura continuada, mantínhamos o contato com a literatura, com a poesia.

Diante do contexto atual da política nacional, que acaba influenciando o comportamento social, você consegue vislumbrar quais serão os caminhos trilhados pela promoção de leitura no Brasil nos próximos 10 anos?

Até o surgimento mundial da Pandemia era muito dinâmico, você encontrava experiências riquíssimas. Depois desse acontecimento, teremos possivelmente o surgimento de outras práticas, outras vivências. É claro que as anteriores serão consideradas, mas é possível que surja aí uma forma nova. Eu tenho esperança, sim, pela continuação de algumas práticas e pelo surgimento de novas práticas. Acho que a nova geração, com bagagem e com vivências, será a protagonista nessa história da difusão da leitura, da mediação e das políticas públicas que possam surgir e permanecer. Após a pandemia que nós estamos atravessando um novo tempo surgirá e vocês, jovens, vão constituir novas propostas para as políticas públicas municipais, estaduais e federais. Nisso eu tenho fé. Eu acredito.

Nós temos vários fatores ao nosso favor. Já existe o Plano Nacional do Livro e da Leitura, já existem vários planos estaduais, aqui no Paraná inclusive já está implantado. Temos muitos municípios com planos municipais, portanto, caminhos a serem trilhados nós já temos. Precisamos nos fortalecer e não nos deixar sucumbir.

Acredito que os governos com essas políticas públicas precisam de parcerias com outros segmentos da sociedade.

É preciso envolver a sociedade civil e os movimentos populares na formulação, para não surgir algo muito vertical, de cima para baixo, mas que surja horizontalmente, em parceria



Foto: Canal youtube do escritor



Foto: Site do escritor



Foto: Kinita Gold

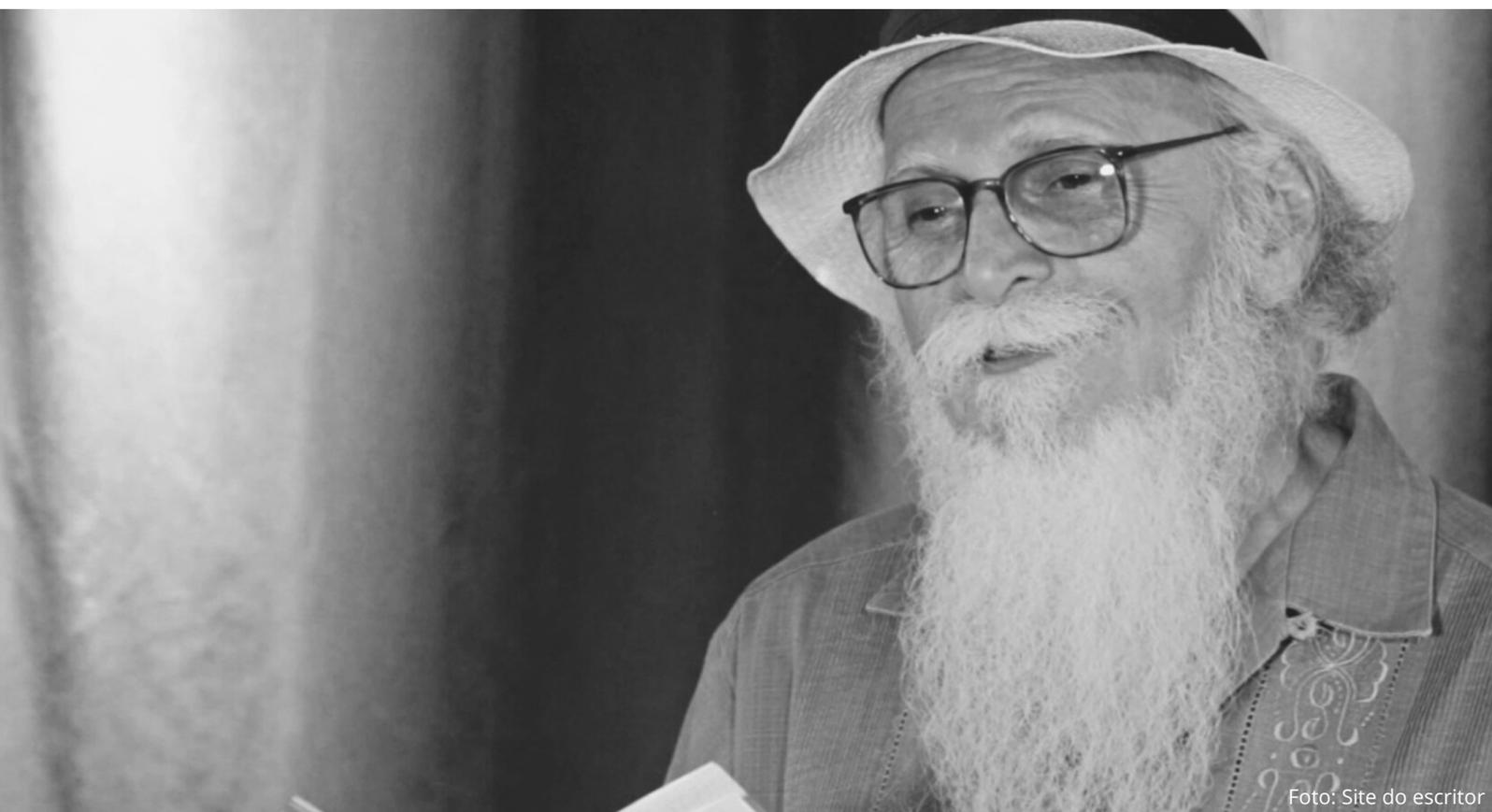


Foto: Site do escritor

O que você ainda deseja fazer como mediador de leitura?

Eu tenho o sonho de muita produção de Almanques. Eu dou o exemplo do Almanaque produzido pela Cátedra de Leitura que a PUC RJ produziu para o Brasil. Um almanaque rico. Feito por uma equipe grande da Cátedra. Eu gostaria de participar mais da produção desses Almanques populares.

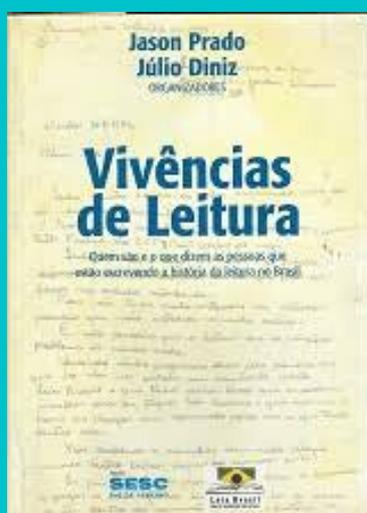
Eu também gostaria de ter aqui no Rio de Janeiro, ou em outra cidade, a Casa dos Narradores.

Eu gostaria desse conceito de narradores que lêem roteiros para audiovisual: documentários, curta de ficção.

Muito roteiro, muita escrita e muita leitura de roteiro, de histórias criadas para o audiovisual.

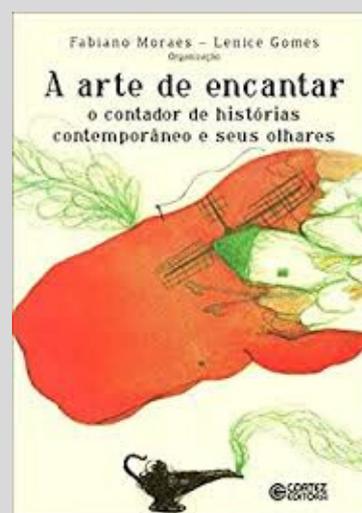
O meu sonho era ter essa Casa dos Narradores, que contasse histórias e que trabalhasse com roteiros.

Indicação do Gregório



Organização:
Jason Prado e Julio Diniz

Indicação do Gregório

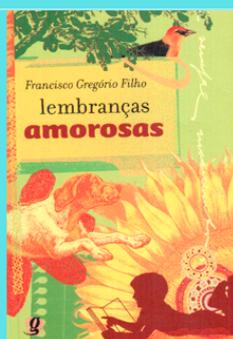


Organização:
Fabiano Moraes e Lenice Gomes

PUBLICAÇÕES DO AUTOR



São dez histórias mais depoimentos de leitores e contadores de histórias. São histórias escolhidas pelos participantes das oficinas de contadores de histórias e de práticas leitoras, que pedem sempre: Conta outra vez? São histórias do repertório pessoal de Gregório, consideradas suas histórias sagradas, ainda que profanas. A quem se destina este livro? Aos leitores e contadores de histórias, sem fronteiras de idade, que gostam das histórias populares, mitos, lendas, “causos”, vivências.



Cada pessoa constrói sua história singularmente, disse, certa vez, o avô de Francisco Gregório Filho. O autor não só ouviu como jamais esqueceu essa frase. Escreveu a sua. Daí, então, nasceu Lembranças Amorasas. Um livro delicioso. Uma verdadeira e aconchegante carícia. Através de contos, ele narra várias passagens de sua infância e adolescência, sempre dando destaque às tantas e essenciais formas e amor que recebeu. O amor de mãe, absoluto e genuíno; o amor de irmã, companheiro e altruísta; o amor de mulher, gostoso e indispensável. Ao leitor, uma dose desse amor!



Quem tenta lembrar as histórias populares contadas na infância, verifica que algumas delas permanecem na memória de forma muito viva. Com o tempo, elas vão assumindo outros ares, cores diferentes, que de uma forma ou de outra sempre absorvem novos valores e ideologias. Por isso sobrevivem. Porque assim continuam a ser contadas por avós, pais, tios, padrinhos, pescadores etc. Gregório foi guardando, guardando, até transformar tudo em livro e assim poder passar para as novas gerações.



Chico vai desenrolando sua história desde a avó, uma Kaxinawá, até as suas primeiras paixões e romances. É a difícil passagem do Chico menino para o Chico homem, do Chico que usava “calça, cinto, meia, sapato, camisa, relógio, carteira com documentos, carteirinha de estudante, um pente, lenços de papel no bolso e ainda uma caneta” para o Chico dos livros e dos amigos do Clube da Leitura. É ainda o Chico apaixonado por pipas. A pipa e o menino vivem no deslizar dos sonhos sob o céu que passa.



A memória, misturada à ficção, fazem de Guardados do Coração um livro que reúne as lembranças evocadas pelas anotações de um caderno e informações sobre um grupo de contadores de histórias. Fiel à sua experiência como contador, Gregório narra a sua história e, ao mesmo tempo, conta outra, implicitamente e sem teorizar, sobre a formação do leitor, sobre suas experiências de contação.